

RESENHA

ROSA, Allan da. **Pedagoginga, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

Maurício SILVA – USP¹

Mais do que um livro sobre determinada prática pedagógica, *Pedagoginga, autonomia e mocambagem* é uma obra que busca romper com a visão “padronizada” da relação ensino-aprendizagem, colocando sob suspeita os métodos tradicionais de educação formal.

Baseando-se em relatos e reflexões sobre uma prática de educação popular (cursos independentes desenvolvidos entre 2009 e 2012), o livro se insere, assim, em duas esferas distintas e completares da educação: a implementação do ensino de história e de cultura de matriz africana e o movimento de uma educação popular autônoma. Trata-se do que o autor chama de *Pedagoginga*, definindo-a nos seguintes termos:

a miragem da Pedagoginga é firmar no fortalecimento de um movimento social educativo que conjugue o que é simbólico e o que é pra encher a barriga, o que é estético e político em uma proposta de formação e de autonomia, que se encoraje a pensar vigas e detalhes de nossas memórias, tradições, desejos [...] (p. 15).

Desse modo, Allan da Rosa discute o *espírito coletivo afro-brasileiro* (p. 21), observando as características culturais negras na cultura brasileira, aliando a essas observações a situação de desigualdade da população afro-brasileira e a questão do racismo em nossa sociedade. Nesse sentido, afirma:

"O racismo opera por meio da busca de justificativas que fomentem a agressão e que justifiquem a destruição corporal ou simbólica do diferente por seus atributos, que aparecem como ameaçadores ao racista, que projeta a diferença como algo que compromete a sua verdade, seus parâmetros e sua normalidade" (p. 26).

Ainda nesse contexto, o autor destaca a importância da cultura popular de matriz africana (candomblé, congado, jongo, caxambu, maracatu, capoeira etc.), como

¹ Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Nove de Julho. Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo.

elemento fundamental na construção cultural brasileira : "a cultura negra, como todas as culturas, não é só retorno a um passado e superficial revivescência. Também é plenamente produção criativa" (p. 31), pressupondo uma *cosmovisão africana* e resultando na atuação de importantes personalidades ("intelectuais, mestres, pensadores orgânicos", p. 45). Trata-se de uma cultura particularmente afeita às expressões da musicalidade, da dança, dos jogos e rituais, da oralidade etc., assinalando uma evidente diversidade de manifestações e de princípios e, sobretudo, uma "mentalidade" distinta:

"a estrutura mental afro-brasileira é integrativa e não excludente, humanista e não tecnicista, polivalente, visa à unidade dos elementos em sua diversidade e não a sua fragmentação, abre espaço ao inesperado e ao desconhecido que trazem novos arranjos e formas de entrosamento, caules novos desenvolvidos de raízes ancestrais" (p. 60).

Valorizando o papel da ancestralidade na cultura negra ("a cultura negra é uma cultura de iniciação e o saber iniciático, ao transmitir-se pelos mais velhos, difere da abstração de um conceito porque é plenamente uma força viva", p. 65), o autor procura refletir sobre a contribuição da matriz cultural africana aos processos educativos e escolares, partindo da exposição/identificação de "imagens e dimensões simbólicas que façam aflorar imagens arquetípicas" (p. 71): a luta, a faca, a cor branca, o desafio, a palavra, a cabaça, o alimento, os búzios, as folhas etc. Nesse contexto, critica as teorias que separam a imaginação do pensamento lógico, como se percebe nas escolas, condenando

"uma burocratização, uma tecnicidade, que prima por sujeitar os estudantes a uma função despersonalizada, que relega a último e indesejado plano um cultivo às suas matrizes ancestrais e também às suas práticas cotidianas e memoriais, transbordantes de simbolismo. Não se trata aqui de uma apologia de abandono à lógica clássica, mas de fomentá-la a uma interação permanente com a lógica complexa. De uma prática educativa que não abandone o experimental, o pessoal, o dialógico e a narrativa imaginativa em prol de um desencantamento do mundo e do ser" (p. 101).

Necessita-se, assim, de que os modelos etnocêntricos sejam abandonados, substituídos por uma compreensão maior das diferenças, da multiplicidade, da *experiência simbólica*, enfim, de "cosmovisões diferenciadas que cultivem seus símbolos, suas imagens memoriais e arquetípicas" (p. 104).

Allan da Rosa procura praticar esses conceitos e teorias por meio de cursos, baseados no *protagonismo periférico* e na *educação popular*, numa prática a que deu o nome de *Pedagoginga*. Um dos efeitos buscados nesses cursos é, nas palavras do próprio autor, "a contaminação lateral, pela margem" (p. 124) do sistema escolar, mas não apenas pela inclusão de temas próprios a universos tradicionalmente desconsiderados na escola (como a história e cultura africana e afro-brasileira), mas numa dimensão muito mais ampla, uma vez que o que se ressalta na *Pedagoginga* é "a forma, a didática, a maneira de gerar e de transmitir saber que permita à abstração se enamorar da sensibilidade e do sensorial, do corpo, do que somos, que é água, ponte e barco para qualquer concepção e desfrute do conhecimento" (p. 124).

Desse modo, a *Pedagoginga* buscou, por meio dos cursos ministrados, fundamentalmente, "equiparar o pensamento abstrato à materialidade das experiências, passadas e presentes, simbólicas e manancial de conhecimento" (p. 124); além disso, seu intento foi, sempre, combater o *racismo escolar*, buscando disseminar uma "rede de educação popular que vá além do eventismo, da autoidealização e do espetáculo" (p. 125). Trabalhando com saberes ancestrais, com a interdisciplinaridade, com a *educação das sensibilidades*, sobretudo relacionada ao legado cultural africano, os cursos da *Pedagoginga* nascem do popular e voltam-se para o popular.

Finalmente, utilizando-se de uma linguagem que, de certo modo, foge ao discurso padronizado da academia, Allan da Rosa procura dar às suas ideias - bem como às suas experiências - uma fluidez próxima da oralidade, por meio da qual conceitos e categorias teóricas dialogam, de igual para igual, com toda uma cosmovisão afro-brasileira, metodologia que conduz os passos da pesquisa exposta no livro.

REFERÊNCIA

ROSA, Allan da. *Pedagoginga, autonomia e mocambagem*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.